

O ESPECTRO

*Admonet in somnis et turbida terret imago.
Horrido Espectro me atormenta em sonhos.*

Lisboa, 29 de janeiro

«Que pôde contra vós a realza? Um golpe d'estado, isto é, um crime. E vós sabeis se elle ficará mais de tres dias impune?»

Assim exclamava não ha muitos annos Lamartine na camara dos deputados de França, e a inspiração do vate do Sena era uma verdadeira profecia.

O golpe d'estado de 6 de outubro, esse attentado inutil não ficou impune é verdade; mas que sacrificios não nos tem custado, que lagrimas não temos vertido, que sangue não temos derramado?

A nação resistiu mas parte d'ella ainda sofre—soffre toda.

Pusemos ordem no movimento, regularidade no entusiasmo, em fim vestimos a guerra em trajes de festa. E se ainda se divisa alguma apparente irregularidade nos vãos do paiz, isso não tira nada á acção constante do seu genio. Não descorçoamos nunca porque temos uma força de vontade maior que os proprios revezes.

O poder expira já sob o pezo das suas proprias faltas. Não tem dinheiro, e estes governos ferozes acabam apenas se extingue o alimento da corrupção que é o seu principio. A causa popular serve-se por dedicação—a sua pobreza é o seu timbre: a causa da côrte serve-se por interesse.

Já se anda negociando outro grande emprestimo com o banco—com o banco que está quebrado, e não tem dinheiro para pagar as suas mesmas notas!

A miseria é extrema. Não se paga par falta de dinheiro aos empregados publicos. As notas ninguem as quer, e os rebatedores se trocam alguma por favor é por mais de 1/440 réis de desconto.

O mal cresce por via dos repetidos empres-

timos, e como não ha metal torna-se indispensavel a creação de mais notas.

Para este augmento despacharam-se quarta feira na alfandega umas poucas de arrobas de papel vindo de Inglaterra para notas. Não faltará agora dinheiro—é quanto se puder imprimir, e o Augusto Xavier da Silva assignar!

A fraqueza e illigitimidade d'um poder mede-se pela extensão dos recursos que esgota. É indigoo de viver se os interesses que arma contra si são assás numerosos e assás fortes para que o contracto da liberdade lhe seja mortal: e se lhe não é dado existir senão com a condição de absorver toda a seiva de um povo para que existiria?

Exaltou-se esta administração para dar vigor ás leis, e tem-nas infringido todas. Viviamos em paz, e achamo-nos no meio de todos os horrores da guerra. Nunca houve governo mais malefico, golpe d'estado mais deploravel.

A agricultura perdida, o commercio paralizado, a industria morta, eis-ahi os beneficios do *programma real*—eis-ahi os resultados da conspiração da côrte.

O povo clama com razão, até os homens da situação se queixam. Queixam-se do rei, que mettendo os em trabalhos e pondo o reino em apuros fecha a sua bolsa para as urgencias da guerra—queixam-se do Saldanha que não ha dinheiro que o farte—queixam-se do Souza Azevedo que se vae arranjando a si menos mal, e que guarda para elle a prata mandando dar papel aos outros—queixam-se de se esquecerem os Cabraes em quanto se aproveitam das suas creaturas—queixam-se em fim, de tudo porque está imminente a dissolução social, e todos repellem a complicitade, n'esse grande crime.

Só o paiz confia no seu Deus, na sua virtude, nos seus esforços. A tyrannia ha de baquear, e o golpe d'estado, o crime, como o qualificou Lamartine, não ha de ficar muito tempo impune.

Tem corrido hoje diversas noticias, e todas favoraveis á causa popular.

N'uma carta de Peniche de 24 diz-se o seguinte:

«As 4 da tarde.—Chegam dois barcos vindos da Figueira, os quaes annunciam a derrota do Saldanha na passagem do Vouga. Muitos feridos entraram em Coimbra. Nas Caldas está um esquadrão de cavallaria a prender ou já tem preso uma grande parte da gente da terra. Quasi tudo são setembristas de Cunho.»

Não garantimos a noticia—damo la porque assim corre.

As prisões fervem, Almada fortifica-se. Parece que algum grande revez espera a côrte do Alemtejo.

O quartel general do Saldanha parece que ainda não passou d'Agueda. O general Povoas diz-se que se acha em Castello Branco.

Falla se na sahida dos prisioneiros para a Costa d'Africa. Esperamos que se verifique este acto de vandalismo para o qualificarmos como elle merece.

Folgamos de ver como as nossas cousas são avaliadas na Europa. É nobre, é glorioso combater por uma causa justa.

Em quanto o procedimento do partido progressista acha no estrangeiro todas as sympathias, a causa da côrte é stigmatizada como a causa do mais despresivel obscurantismo. Mas vejamos os documentos.

O *Morning Chronicle* de 12 do corrente exprime-se a respeito de Portugal do seguinte modo:

«Não obstante os desastres que lhe tem acontecido, a unica causa que tem um futuro em Portugal é a da junta do Porto; ella ainda tem um exercito passante de 18 mil homens tanto de tropas regulares como de voluntarios. A guarnição do Porto compõe-se de 8 mil homens effectivos, as forças do conde das Antas de 6 mil, as do conde de Mello de 3 mil, não contando os regimentos de voluntarios que diariamente se estão organisando. O povo de todas as partes corre ás armas, rivalizando uns com os outros no seu enthusiasmo em mostrarem o seu odio contra os oppressores das suas liberdades, e em defenderem a sua fazenda.

«O bloqueio do Porto é uma mera farça annunciada aos estados da Europa pelo governo da rainha, e feito por dois ou tres dos seus navios que estão constantemente ancorados em Vigo, em quanto que lindos vapores de guerra da junta fazem diariamente tomadias pela costa, capturando uma das escunas de guerra do

governo e outros vasos mais pequenos que intentavam sahir do Tejo—provando assim o absurdo de chamar a isto bloqueio, e que se póde sómente mencionar, na falta de noticias positivas, para encher uma columna do *Diario do Governo*, e com o fim de esperar desviar os outros paizes de fazerem commercio com o Porto, sem se lembrar que todos sabem que não tendo o governo vapores de guerra, não póde fazer um bloqueio n'esta estação do anno.

«A moderação da junta nos meios empregados para sustentar a sua causa, bem como no tratamento dos seus inimigos é digna de observação e louvores; pois emquanto o governo de Lisboa indistinctamente condemnar os vencidos a serem fuzilados, a junta mostra a maior humanidade para com os seus prisioneiros. O Porto aonde residem muitos cabralistas, não tem presenciado um só exemplo de violencia popular, tão frequente em taes crises.

«Quem examinar com imparcialidade o estado de Portugal ha de certamente admittir que a facção da côrte tem desenvolvido até hoje o absolutismo mais selvagem nas suas perseguições, annullação de privilegios, dignidades, titulos, e tudo sem algum processo—creando leis e tribunaes especiaes, abolindo os jurados, e praticando outros eguaes actos de despotismo, ao mesmo tempo que o procedimento do partido progressista é notado pela moderação, ordem, organização da fazenda, economia e moralidade; sendo ainda mais pronunciada a differença na conducta dos exercitos belligerantes, pois que nem uma só queixa se tem levantado contra as forças populares em quanto que as do governo teem assignalado a sua passagem pelo roubo e assassinato dos habitantes dos districtos por onde transitam,—não escapando os proprios prisioneiros á sua capacidade—que tem sido uma das principaes causas do povo oppôr todos os meios de resistencia ao governo.

«A nobreza, tanto a das cidades como a das provincias, os proprietarios grandes e pequenos, toda a mocidade do paiz, está do lado da junta; e com taes elementos de vida, a lucta, ainda que possa durar por algum tempo, deve-se suppôr que terminará a favor da junta do Porto.»

Depois de vermos o que diz a imprensa ministerial de Londres vejamos o que diz a *Revista dos Dois Mundos* inspirada por mr. Guizot. Eis o que ella diz em 15 de novembro:

«A situação de Portugal torna-se cada vez mais critica sem que de uma ou outra parte se decidisse ainda cousa alguma. Os ligeiros successos alcançados pelas tropas da rainha parecem-nos mais perigosos do que felizes, se acaso a animarem a proclamar a sua «dictadura absoluta.» A rainha apparece em publico com os seus quatro filhos, em quanto o rei Fernando

com o uniforme de commandante em chefe passa em revista os regimentos que restam ao governo, e os *cidadãos soldados improvisados*. Lisboa, residencia da côrte, ainda não correspondeu ás demonstrações por meio das quaes se procura ganhar os animos.

«A revolução acha-se estabelecida no Porto com grande apparatus elevando governo contra governo: o conde das Antas continua a marchar. O almirante Parker está fundeado no Tejo: Gonsales Bravo acaba de chegar a Portugal: eis aqui a intervenção estrangeira prompta ao lado da guerra civil. Soubemos com satisfação que mr. de Varennes tinha voltado a Lisboa, e será isto ao menos um motivo para que em Portugal se não acuse mais a França de esconder a sua diplomacia.»

A mesma *Revista* em 15 de dezembro escreveu o seguinte:

«Póde dar-se o nome de guerra civil á inexplicavel situação que se vae prolongando em Portugal? Os partidos, ao que parece, buscam mais depressa evitar-se do que concluir a questão por meio d'um decisivo ataque. Os conselhos e a intervenção do coronel Wylde medianeiro enviado pela rainha Victoria e pelo principe Alberto não obtiveram ainda resultado. O tempo, que passa, de maneira alguma fortifica o partido e a causa da rainha D. Maria, que vê separar-se uma parte da aristocracia portugueza indo buscar abrigo debaixo da bandeira ingleza ou franceza. Em Portugal mais depressa existe uma dissolução da auctoridade do que um violento rompimento. A instituição monarchica não está ameaçada; talvez mesmo que o governo de D. Maria, não obstante as suas faltas, se possa considerar com mais força que o partido insurgido; mas não se póde dissimular que os povos mostram pela rainha e pelo rei D. Fernando a indifferença mais completa; o que na realidade é uma terrivel demonstração no momento das grandes crises! A rainha tem um filho de nove annos de idade; se a mãe perdesse o throno seria indispensavel atravessar as difficuldades d'uma regencia; e esta a quem se devia confiar? Taes eventualidades preocupam uma parte da nobreza e da nação; mas não se encontra por mais que se faça o conveniente meio para rodear o actual governo de Portugal d'aquella adherencia e união de que necessita.»

E quando uma causa é assim qualificada, o seu triumpho é impossivel. Cumpre que acabe debaixo da reprovação geral; e para os seus defensores é tão vergonhosa a derrota como o triumpho.

Na falta de noticias dos nossos correspondentes servimo-nos das que publica o *Diario*

que nos illustam tanto como quaesquer outras por mais circumstanciadas que fossem. A estas pelo menos não negará a gente da côrte o character da veracidade.

Deu-nos o *Diario*, de 25, a noticia de que o Casal entrára em Vianna, e que havia a maior harmonia entre a tropa e os habitantes, porque a entrada da divisão *fiel* tinha feito acabar a prohibição de se exportarem cereaes, imposta pela junta do Porto, contra os interesses dos lavradores e negociantes d'estes generos.

Isto de certo é um dogma, porque o *homem da rasca* foi o apostolo que prégou ao *Diario* aquella doutrina; mas o que nós não comprehendemos bem (sem duvida por causa da sua sublimidade) é a razão porque no *Diario* de 26 vem a noticia da sahida da escuna *ingleza Clifton*, para Vianna, com farinha!

Talvez isto seja algum conflito entre a agricultura do sul e do norte, ou rixa entre a navegação ingleza e a nossa.—O *homem da rasca* e o *Diario* entendem que os interesses dos habitantes e lavradores de Vianna consistem em exportarem os cereaes, e o commercio (talvez só por teima) embirra em mandar introduzir lá farinha, sem duvida para promover os interesses dos lavradores e negociantes d'aquelles generos!

Comtudo o calculo do inglez foi mais acertado que o do *homem da rasca*. Como se sabe que a divisão do Casal carece de tudo, e que os povos fogem á sua aproximação, é preciso ir farinha de Lisboa para não morrerem á fome os *fiéis* ratoneiros do assassino d'Agrella.

Vamos adiante.

No mesmo *Diario* vem um officio do sr. Casal, de 15, no qual declara ter feito avançar a sua segunda divisão sobre Vianna, *no mesmo dia da evacuação dos facciosos*. Se não fosse a *evacuação* ainda o valente general não mandava avançar! Comtudo o novo conde acha aquello ponto importantissimo por causa dos recursos da alfandega; e n'isso tem razão, que para elle sempre foi muito importante mais que tudo o que dá dinheiro.

Mas que se ha de esperar d'esta gente perdida?

No *Diario* de 22 prometteram-nos os pormenores do desbarato do batalhão da Guarda, que segundo o mesmo *Diario* deviam ser interessantes; pois temos esperado até hoje, e quando julgavamos ter os pormenores, temos uma contradicção. Vejamo-la.

Disse o *Diario* em 22 do corrente:

«Por noticias recebidas hoje de Coimbra consta que no dia 17 foram á cidade da Guarda o ex-general Povoas, o Rebocho, Mimosos, e outros acerrimos miguelistas, na intenção de acclamarem o proscripto usurpador, mas que os habitantes se opposeram a semelhante aclamação; propondo então o Povoas

«que se aclamasse a junta do Porto, e que se promettesse uma cega sujeição ás consequências d'este acto, sendo elle desde logo reconhecido general governador da provincia. Entretanto chegou ali no dia immediato uma força do exercito d'operações, do commando do marechal Saldanha, que immediatamente restabeleceu a legitima auctoridade da rainha. Esta força das tropas fieis destacou uma pequena columna sobre a estrada de Castello Branco, com o fim de alcançar o batalhão da Guarda, o que effectivamente conseguiu, desbaratando-o completamente. Aguardamos os pormenores d'este acontecimento que devem ser muito interessantes.»

Quando esperavamos isto verificado vemos a seguinte curiosa noticia no *Diario* de 27:

«O decrepito Povoas tinha fugido da Guarda com uma guerrilha puramente miguelista, logo que lhe constou que para ali se dirigia tropa da rainha. O coronel Solla entrou na Guarda com a sua brigada, no dia 22, sem opposição.»

Isto tem sua graça!

O que é verdade é que toda a Beira está sublevada aonde não chegam as forças do Saldanha, e que estas tem roubado tudo. Já uns poucos de correios tem sido interceptados, e quasi todas as communicacões se acham interrompidas.

Quando se cahe n'estas contradicções é porque a causa que se defende corre mal. O movimento popular triunfa por toda a parte.

Ainda não houve tractamento mais barbaro que o que se tem dado aos prisioneiros de Torres Vedras. A Europa presencja-o envergonhada, e stigmatiza-o por meio da imprensa, ao mesmo tempo que admira e louva o procedimento da junta do Porto para com os seus prisioneiros.

Foi esta sempre a differença que existe entre os governos justos e os tyrannos. Nós com a consciencia da nossa força não precisamos

de aggravar a sorte dos infelizes—a côrte consciencia da sua fraqueza teme as proprias victimas que guarda em ferros.

Aos prisioneiros de Torres Vedras garantiram-lhes as bagagens para lhas roubarem! Malditos os miseraveis que sujaram as suas mãos nos farrapos dos vencidos! Nada escapa á sua rapina, nada é sagrado para elles!

Quarenta e seis bravos cidadãos do batalhão do Jayme metteram-nos na casa forte do Limoeiro, e lançaram-lhes umas pobres palhas por todo o conforto. Os piolhos e a immundice são os unicos regalos d'aquella infernal habitação.

Os officiaes militares a bordo tratam-nos como os traficantes de escravos tratam os negros.

Tem-se desenvolvido grande caridade em algumas pessoas. Não mencionamos os nomes d'ellas porque offenderiamos a sua modestia, e porque não o fazem por ostentação. A sua caridade é verdadeiramente evangelica—não querem que a mão esquerda saiba o que faz a direita.

E que fariamos nós n'este momento, se declarassemos seus nomes? Seria o mesmo que denunciá-los á côrte para os mandar proscreever.

Tambem ha almas frias, corações indifferentes que não promovem soccorros por medo! Isto é um crime. Temem perseguição por amor da justiça? Pois são estes os que o Evangelho declarou bemaventurados.

Não soccorrer o seu semelhante desvalido, talvez o seu correligionario politico, é uma affronta á humanidade, é um insulto á moral. Tremar diante das consequencias de um acto caritativo é não ter fé em Deus, encobrir a avareza debaixo da capa do terror.

A junta do Porto nomeou para soccorrer os seus presos os proprios adversarios politicos d'ella—E' porque entendeu que o zêlo dos correligionarios seria mais fervoroso. Aqui aonde o governo nos maltracta, devemos nós supprir com as nossas diligencias a incuria da auctoridade.

Louvor a todas as almas generosas que comprehendem os encantos sublimes da virtude!